

NARRATIVA DE UMA PROFESSORA-FORMADORA NA TRILHA DE UMA PRÁXIS EMANCIPATÓRIA

Rosilene da Costa Bezerra Ramos

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte: rosilenerb@hotmail.com

Charles Lamartine de Sousa Freitas

Faculdade Diocesana de Mossoró: Charles.lamartine@gmail.com

Eliane Corrêa Cota

Universidade Potiguar: elianeege@hotmail.com

RESUMO

Este artigo origina-se de um estudo de mestrado em andamento, com enfoque nas narrativas de experiências formadoras, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação-POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. A investigação tem por objetivo compreender por meio das narrativas (auto)biográficas e da ação reflexiva de um poeta popular como os saberes de histórias de vida e de experiências formadoras contribuíram para a (auto)formação e o seu desenvolvimento profissional e pessoal. O recorte trata-se aqui da narrativa de uma coordenadora pedagógica, atuante como formadora de alfabetizadores no Programa Brasil Alfabetizado no município de Baraúna-RN, que desenvolveu um trabalho pautado nos ensinamentos do educador Paulo Freire. As análises desenvolvidas tiveram como suporte teórico-metodológico a abordagem (auto)biográfica em autores como JOSSO, 2010; MEDEIROS, 2013; PASSEGI, 2003; A motivação inicial para a realização desta pesquisa surgiu a partir da relação com a formação e experiência profissional da autora. Partiu-se do princípio de que as narrativas da prática pedagógica e experiência pessoal podem servir como base para a formação docente, pois o ato de refletir a vida provoca um repensar das ações e da forma de aprender a profissão. O trabalho com o método (auto) biográfico possibilita um exercício de escuta, uma ação na qual o sujeito da pesquisa escuta suas próprias experiências e analisa suas ações e age sobre elas com intuito de mediar à construção de um conhecimento significativo para si e para o outro. Pretende-se ao partilhar o trabalho e as práticas desta formadora evidenciar de que forma as narrativas autobiográficas se constituem importantes possibilidades formativas. Foi possível através da narrativa de vida e do diálogo com os autores, perceber a importância da escrita de si para a compreensão do processo em que o sujeito se fez professora-formadora. Experiências fecundas para a compreensão do desenvolvimento profissional. Narrar as experiências vivenciadas e nossas memórias na trajetória de formação consubstancia de forma significativa a transformação de nossa prática.

Palavras-chave: NARRATIVAS, BRASIL ALFABETIZADO, FORMAÇÃO DOCENTE.

Introdução

“Narrar-se” é lançar-se em um profundo processo reflexivo. A rememoração das minhas vivências possibilita a reconstrução do meu ser “pessoal”, que dialoga constantemente com o meu ser “profissional”.

Refaço caminhos percorridos durante a experiência como formadora de alfabetizadores no Programa Brasil Alfabetizado, no município de Baraúna-RN. Os quais partilho aqui a partir das minhas memórias por meio das narrativas (auto)biográficas.

Discorrerei por meio das narrativas (auto)biográficas a respeito de alguns momentos da minha vida como uma pedagoga, trilhando o início caminhada da atuação na formação continuada de outros professores. Nessa trajetória, um destaque especial: a prática desenvolvida como formadora de professores alfabetizadores do Programa Brasil Alfabetizado vivenciada no Programa Brasil Alfabetizado no município de Baraúna R/N. Vivência marcante e significativa na elaboração do meu saber prático-teórico, na formação de professores.

Nesse contexto, pontuo a relevância em conhecer o Programa Brasil Alfabetizado, os instrumentos que normatizam as ações do citado programa e aspectos fundantes de sua metodologia.

O Programa Brasil Alfabetizado (PBA), de iniciativa do Ministério da Educação brasileiro, foi criado pelo decreto nº 4.834, de 08 de setembro de 2003, com o propósito de erradicar o analfabetismo no Brasil e prevê:

A celebração de convênios entre a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD, do Ministério da Educação, e os Estados, ou os Municípios ou Entidades Organizadas da Sociedade Civil, que se responsabilizam pela proposição e pela realização de projetos de Alfabetização de Jovens e Adultos, e também de ações de capacitação de alfabetizadores. (FONSECA; GOMES; LOPES, 2007).

No ano de 2007, o projeto passou por uma reorganização estrutural e de logística. Reestruturado pelo Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE. Priorizou o atendimento a região Nordeste, por nesse ano de 2007, concentrar 90% dos municípios brasileiros com altos índices de analfabetismo. O decreto nº 6.093 destaca como principal objetivo do PBA a universalização da alfabetização de jovens e adultos de quinze anos ou mais.

A implantação do programa no município de Baraúna se deu no ano de 2004 mediante convênio com o Ministério da Educação. Nesse período, beneficiou trabalhadores assentados rurais e a população jovens e adultos que, por motivos diversos, não tiveram acesso à leitura e à escrita e propiciou inclusão educacional para as pessoas que não tiveram acesso à leitura e a escrita por meio da escolarização na idade certa.

Os alunos e alunas que frequentam as turmas do Programa Brasil Alfabetizado, em sua maioria, são sujeitos provenientes de classes desfavorecidas economicamente. São jovens, adultos e

idosos muitos com curto tempo de experiência na escola regular. Homens e mulheres que pela sobrevivência precisaram abandonar a escola.

Duas ações básicas norteavam o desenvolvimento do PBA no município: A Formação de Alfabetizadores e Alfabetização de Jovens e Adultos. A cada etapa prevista anualmente pelo MEC, com aproximadamente 08 meses de duração, o programa passa por reestruturação em sua base conceitual e logística de execução.

Dentre as mudanças, a sua concepção de alfabetização de jovens e adultos foi ressignificada, a partir do ano de 2007. Essa passou a ser compreendida como etapa inicial da educação básica, e instrumento para uma formação integral ao longo da vida.

No início de sua implementação o PBA não possuía documento que orientasse a proposta pedagógica em âmbito nacional. Assim, os Entes Executores organizavam o trabalho de orientação pedagógica aos alfabetizadores conforme os documentos legais e institucionais que embasam a modalidade de educação de jovens e adultos.

No ano de 2011, o Ministério da Educação lança o documento Princípios, Diretrizes, Estratégias e Ações de Apoio ao Programa Brasil alfabetizado. Conforme este documento, a proposta pedagógica do programa deve tomar como base a pluralidade de concepções e referenciais teóricos, metodológicos e avaliativos, na perspectiva da formação crítica e emancipadora dos sujeitos. O mesmo ainda apresenta como conteúdo mínimo de formação dos alfabetizadores a compreensão do desenvolvimento histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil; o processo histórico-sócio-cultural de humanização (relação homem-natureza, sociedade e cultura) e as contribuições de Paulo Freire; as dimensões técnica e política da alfabetização.

No PBA, o processo de alfabetização é concebido como parte de uma política educacional pautada nos princípios de inclusão, equidade e de garantia dos direitos dos sujeitos. Assim, os sujeitos que atuam junto aos alfabetizandos precisam se apropriar das diversas dimensões que envolvem esse processo, e ainda avançar no conhecimento a respeito da concepção que embasa tal perspectiva.

A proposta do PBA apresenta orientações em consonância com a Educação Libertadora e princípio de alfabetização apoiado nas ideias de Paulo Freire, o grande educador brasileiro, defensor da educação voltada para emancipação e que criou uma nova concepção de alfabetização em que a abordagem dos conteúdos considera os diversos contextos sociais da vida cotidiana dos alfabetizandos. Em Freire (1980), Alfabetização é instrumento de conscientização, esta deve ser



desenvolvida na perspectiva dialógica e problematizada, pressupõe, portanto, a leitura do mundo e da palavra.

Pensar a alfabetização a partir da visão freireana reside em compreendê-la como um processo de construção do conhecimento, que se dá em um contexto discursivo de interlocução e interação, no qual linguagens e realidade estão entrelaçadas. Escrever, para Paulo Freire, não é apenas se apropriar de uma técnica do código escrito.

Nesse sentido, o documento Princípios, Diretrizes, Estratégias e Ações de Apoio ao Programa Brasil Alfabetizado: Elementos para a Formação de Coordenadores de Turmas e de Alfabetizadores explicita que:

O processo de alfabetização deverá contemplar: a escrita da língua portuguesa e a matemática a partir de uma abordagem que considere as relações das práticas cotidianas vivenciadas nos diversos contextos sociais; as práticas de leitura considerando diferentes linguagens, valorizando aspectos relacionados à diversidade cultural e, o mundo do trabalho, garantindo a apropriação de conhecimentos e direitos que contribuam para o exercício da cidadania. (BRASIL, 2011, p.9)

Com base na alfabetização como prática histórica e social, resultante em processos formativos que contribuem para o exercício da cidadania, o PBA orienta-se pela perspectiva da ampliação do ensino, inclusão social, exercício da participação e diálogo entre os envolvidos, enquanto procedimentos essenciais para a construção de projetos emancipatórios.

Metodologia

Para a construção do estudo, utilizarei a escrita de si como caminho metodológico, fundamentada na metodologia (auto) biográfica, tendo como referencial teórico, para subsidiar o nosso entendimento, os pressupostos do educador Paulo Freire. As análises desenvolvidas tiveram como suporte teórico-metodológico a abordagem (auto)biográfica em autores como JOSSO, 2010 e MEDEIROS, 2013; PASSEGI, 2003. Partiu-se do princípio de que as narrativas da prática pedagógica e experiência pessoal podem servir como base para a formação docente, pois o ato de refletir a vida provoca um repensar das ações e da forma de aprender a profissão.

Os estudos que recorrem às narrativas de histórias e a utilização do método (auto) biográfico demonstram, nas últimas décadas, um crescimento em diversas áreas do conhecimento, sobretudo, no contexto educacional, conforme nos apontam Josso(2010), Souza (2006), e outros que dialogam com a abordagem (auto)biográfica como fonte para pesquisa em Educação. No Brasil, na área da Educação, a pesquisa (auto)biográfica surge por volta da década de 1990, adotando as histórias de



vida, como método (auto)biográfico e as narrativas de formação como movimento de investigação-formação, tanto na formação inicial quanto na continuada, centrando-se nas memórias e trajetórias de vida de professores.

O trabalho com o método (auto) biográfico possibilita um exercício de escuta, uma ação na qual o sujeito da pesquisa escuta suas próprias experiências e analisa suas ações e age sobre elas com intuito de mediar à construção de um conhecimento significativo para si e para o outro. Assim, descrevo minhas memórias como forma de repensar a minha profissão, identificando os momentos em que as experiências vivenciadas pessoal e profissional, conduziram-me ao que me tornei.

Resultados e discussões

O exercício da docência: recorte da atuação como professora de EJA

A minha relação com a Educação de Jovens e Adultos se estreita no ano de 1999, ao participar da seleção para um curso de especialização na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. A aprovação me possibilitou a troca do horário em que trabalhava, já que as aulas da especialização aconteceriam diurnamente. Assim, passei a desempenhar minhas funções no turno noturno.

Em março de 1999, após nove anos de experiência com crianças da educação infantil e ensino fundamental, assumi, na escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, em Mossoró, uma turma de Alfabetização de Jovens e Adultos. Alunos com faixa etária de dezesseis a setenta, muitos não alfabetizados. Portanto, desejosos pela aquisição da leitura e da escrita.

O lidar no cotidiano da escola com um público de faixa etária, realidades e interesses diversos, com especificidades até então desconhecidas para mim, provocou um misto de sentimentos: medo, dúvidas, incertezas, descobertas e indagações: Quem são? O que fazer? Como lidar? O que precisava mudar em minha prática?

Além da busca na própria escola por momentos de formação continuada, no Curso de Especialização em Educação promovido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, tive a oportunidade de conhecer os fundamentos da educação de jovens e adultos.

Como professora regente de turmas de alfabetização de jovens e adultos, fui percebendo que essa modalidade possui uma história construída à margem das políticas públicas. Modalidade destinada aqueles que tiveram o seu direito de ingresso alijado na escola pública, excluídos do direito à educação, embora em nosso país esse direito encontre-se formalmente garantido desde a primeira Constituição Federal de 1824. Esse mesmo direito foi confirmado logo depois, pela primeira

Lei do ensino primário de 15 de outubro de 1827. Na atualidade, essa trajetória legal se completa com as diretrizes da Constituição Federal de 1988 e a Lei de diretrizes e Bases da Educação Brasileira a lei nº 9394/96 em vigor. Esses dois dispositivos legais reafirmam a educação como direito, devendo o Estado assegurar o ensino fundamental, obrigatório e gratuito a todos, inclusive aos que a ele não tiveram acesso na idade própria. Esse último aspecto é um destaque para a educação de jovens e adultos.

Na experiência cotidiana com os educandos marcados pela exclusão, com percepções negativas de si em virtude das concepções negativas do sujeito analfabeto, disseminadas socialmente, não conseguia visualizar no chão da escola a alardeada universalização do ensino fundamental no Brasil e o direito de educação estendido a todos.

Sendo a educação um ato eminentemente político, intencional e orientado para determinados fins sociais em dadas conjunturas, vi nascer a vontade de ser agente e, por meio da educação ofertada aqueles sujeitos, pudesse contribuir para a concretização de uma situação social mais justa. Encontramos em Freire (2007), afirmações que corroboram o nosso posicionamento, pois para ele, ensinar exige convicção de que a mudança é possível. *“Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. A acomodação é apenas o caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade”*.

As aulas eram um convite e um desafio para juntos criarmos uma possibilidade de alfabetização de jovens e adultos que tomasse como ponto de partida os saberes e as vivências dos educandos. Para que fosse posta em prática uma nova forma de conceber a aulas, foi preciso um tempo de conquista da parceria dos alunos. Estes, marcados por uma experiência escolar na qual, eram vistos como meros receptores de informações prontas e acabadas.

De forma audaz, na experiência inovadora, a partir do ensino por compreensão, o aluno passivo cedia lugar ao ser ativo, pensante e crítico, capaz de atender as novas demandas sociais. No momento, crescia a necessidade de apropriação dos conhecimentos teóricos, pilares da nova forma de conceber o processo ensino-aprendizagem: a abordagem epistemológica que toma o sujeito como construtor de conhecimento, em uma ação interativa com a natureza e o mundo social resgatando o cabedal cultural do qual é detentor como elemento fundamental ao processo de elaboração do saber.

Meus momentos de conquistas, inseguranças e desafios foram uma constante, pois me lancei a dedicar-me à formação para ressignificar minha prática, como propõe Freire (1997), em sua obra *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, enquanto ser humano que se expõe e se constitui em cada experiência formativa de que participa.

O debruçar-me sobre o estudo tendo o construtivismo-interacionista como foco, conduziu-me a uma pesquisa na área de educação de jovens e adultos, que resultou no trabalho monográfico: *Tecnicismo e Construtivismo: notas sobre a implantação da proposta de educação fundamental de jovens e adultos no Rio Grande do Norte*. O referido estudo, conduzido à luz de indicações de uma postura histórico-crítica, aborda preliminarmente a implantação da proposta do curso de educação Fundamental de Jovens e Adultos no Rio Grande do Norte.

O Curso de Especialização em Educação na UERN proporcionou-me um aprendizado significativo e uma mudança substancial em meu fazer pedagógico. Dentre as contribuições: a ampliação de conhecimentos sobre autores como Vygotsky, Dewey e Piaget e concepções de aprendizagem. Amparada em estudos teóricos, fui modificando a minha prática de professora alfabetizadora, fui, assim, tecendo-me, questionando-me e crescendo permanentemente.

O início de novas caminhadas

Passados 11 anos de docência da educação infantil ao ensino superior, eis que um grande desafio estava por vir. Em 2001, obtive aprovação em concurso público para o cargo de coordenadora pedagógica, no município de Baraúna-RN. Apesar dos anos de experiência, começar em uma nova função me provocava os mesmos sentimentos, dúvidas e incerteza, mas, sobretudo, a força e a vontade me impulsionavam a busca da formação continuada.

Em 2008, recebi o convite para assumir a formação dos alfabetizadores do Programa Brasil Alfabetizado, da Secretaria Municipal de Baraúna-RN, etapa 2008/2009. Cujo desafio maior era o de promover uma formação crítico/reflexiva, na perspectiva de uma educação libertadora, advogada por Freire, um processo profundamente emancipatório. Para Freire (1996), a prática docente crítica implica do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer [...] Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática, o discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.

Iniciei o Curso de Formação dos alfabetizadores do Programa Brasil Alfabetizado com uma turma composta por quarenta alfabetizadores. Desses, trinta e dois iriam atuar em salas de escolas ou espaços educativos das escolas do campo e os outros em escolas da zona urbana do município.

A formação pautada na construção e reconstrução de uma prática educacional específica para a EJA, compreendendo e discutindo a realidade social de cada localidade, objetivou promover uma formação teórica e metodológica, de modo a possibilitar o coordenador de turmas e o



alfabetizador conhecerem concepções e respectivas metodologias para a ação alfabetizadora, discutindo conteúdos que subsidiam o desenvolvimento das práticas pedagógicas, esclarecendo a articulação e a relação com outras ações voltadas à melhoria da qualidade da alfabetização de jovens, adultos e idosos.

Procurava construir os estudos da formação a partir da organização dos Círculos de Cultura, modelo organizado por Freire. A formação inicial deu-se através de encontros dialogados e reflexivos com o objetivo de pensar as políticas da educação brasileira em uma perspectiva histórico-crítico, enfatizando os marcos políticos e legais da educação de Jovens e Adultos.

A provocação dos diálogos partia de uma intenção crítica e o respeito pela participação ativa dos alfabetizadores, concebidos como sujeitos protagonistas do seu processo formativo, em uma perspectiva emancipadora, conforme o ideário freireano. Um dos trabalhos desenvolvidos nesse sentido foi o projeto “O cordel em sala de aula” realizado a partir de uma oficina pedagógica.

O trabalho teve como objetivo promover uma aproximação dos alfabetizadores com os valores pedagógicos da leitura e produção de textos a partir da utilização do cordel em sala de aula. A oficina foi realizada em parceria com o poeta popular Nildo da Pedra Branca. Organizada de modo a oportunizar a participação ativa do grupo, pautado no processo dialógico, a oficina teve como atividade inicial um recital de cordéis. Após o momento seguiu-se o registro das memórias de infância que os alfabetizadores possuíam com poemas, versos, romances ou folhetos de cordel. O registro das memórias se mostrou uma atividade fecunda de significado. Valorizando as histórias de vida e memórias dos alfabetizadores, o poeta Nildo da Pedra Branca discutiu alguns aspectos técnicos e construiu com o grupo um cordel da Turma de Alfabetizadores do PBA de Baraúna.

Os alfabetizadores eram incentivados a mediar a aquisição da linguagem escrita a partir de uma concepção, até então, pouco conhecida por eles: a abordagem de alfabetização que trabalha em uma perspectiva dialógica e problematizadora. Ao mesmo tempo em que esperavam da formação momentos instrucionais e aulas expositivas.

Nos princípios de uma educação emancipatória a centralidade do processo educativo está na autoria do conhecimento e não na mera transmissão de conteúdos, como se dá na “educação bancária”, abordada por Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido*.

Freire (2007), com muita propriedade, lembra-nos, ao comentar sobre essa situação “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Sendo assim, não seria ético e coerente tratar os conteúdos da formação numa abordagem mecânica, pois a aprendizagem





envolve construção e compreensão. Aprender é refletir sobre as informações, os fatos observados, comparando-os com a realidade. Assim como os alfabetizadores, estava em pleno processo de identificação com a profissão de formadora de outros professores. Aberta a novas possibilidades para o ensinar e o aprender.

A experiência com o projeto de formação do programa fez-me despertar para a alegria de acolher e ser acolhida por um grupo distinto em sua diversidade. Deu-me possibilidades de compreender que a minha trajetória foi se tecendo em sonhos e, que em comunhão com o grupo, fui construindo a minha identidade docente efetivamente construída na prática e em um espaço de formação continuada, com alfabetizadores que vivenciavam e propunham percursos dialógicos, confirmando, assim, os pressupostos da pedagogia freireana: o respeito ao saber do outro, a construção coletiva do conhecimento, o rompimento da concepção da aprendizagem como somente transmissão do saber.

Segundo Josso (2010), as experiências de que falam as recordações referenciais constitutivas das narrativas de formação contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida. É na trajetória de formação profissional que a identidade docente se constitui ou se transforma.

Conclusões

O ato de rememorar experiências pessoais de vida, somadas ao contexto dos desafios da carreira profissional, permitiu-me desvelar um conhecimento sobre mim, proporcionou-me a compreensão do processo, o qual foi me constituindo docente e formadora de professores com uma atuação que busca empoderar e dar autonomia aos sujeitos, tomando como base a educação como um ato político, defendida pelo mestre Paulo Freire.

A abordagem (auto)biográfica, por envolver a formação do sujeito, torna-se, assim um recurso importante, pois este a partir de suas reflexões sobre a própria trajetória de vida traz significados que o próprio sujeito não tinha consciência. Permitiu-me um encontro com a minha própria história.

A narratividade da minha memória fez-me refletir sobre a minha caminhada. Imergir nos desafios, labirintos, medos, incertezas e descobertas no percurso do meu “me constituir profissional”, me fez compreender que a minha formação docente, hoje voltada para a formação de outros professores, está imbricada na minha história de vida.



Assumir a posição de inconcluso, a busca de aprender continuamente e superar desafios, enveredou-me pelo caminho da concepção de uma educação emancipatória, que embasa e potencializa o meu fazer pedagógico, comprometido com uma educação libertadora. A utilização do método autobiográfico permitiu-me um processo auto formativo a partir da narrativa da história pessoal, partindo do saber acumulado na experiência ao longo da minha história de vida, contribuindo, assim, para desvelar, refletir e compreender aspectos da minha prática profissional.

Referências

BRASIL, Ministério da Educação. SECAD. Documento Princípios, Diretrizes, Estratégias e Ações de Apoio ao Programa Brasil Alfabetizado: Elementos para a Formação de Coordenadores de Turmas e de Alfabetizadores. Brasília, 2011.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. A Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FONSECA, M. C. F. R; GOMES, M. L. M; LOPES, M. P; Parâmetros para avaliação de habilidades matemáticas dos alunos em iniciativas de alfabetização de jovens e adultos. In: 300 Revista Eletrônica Iberoamericana sobre calidad, eficacia y cambio em educação. Volume 5, Número 2e. 2007. <http://www.rinace.net/reiceaport.htm> Acesso em: 03 jan de 2016.

JOSSO, Marie-Chistine. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

MEDEIROS, Emerson Augusto de. **Do Campo à Universidade: histórias, saberes, experiências, fazeres e a formação no Curso de Licenciatura Pedagogia da Terra**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Mossoró, 2013.